

## RITUAIS VIVENCIADOS PELO CORPO FUMANTE\*

[Rituals experienced by the smoking body]

[Rituales vividos por el cuerpo fumador]

Eduardo Funchal\*\*

Maria Helena Lenardt\*\*\*

Liliana Maria Labronici\*\*\*\*

Ymiracy de Souza Nascimento Polak\*\*\*\*\*

**RESUMO:** O estudo se caracteriza como um relato de experiência que teve como objetivo contribuir com a melhoria da qualidade do atendimento dispensado ao corpo fumante quando busca por ajuda para desvencilhar-se do hábito de fumar. O ato de fumar é um ritual marcado por um simbolismo nem sempre detectado pelo observador menos experiente. O olhar filosófico e antropológico possibilitou a percepção dos fatores responsáveis pela iniciação ao fumo, dos desejos, das frustrações, certezas e incertezas associadas ao tabagismo. Essa compreensão do vivido pelo corpo fumante influenciou no redirecionamento da consulta de enfermagem prestada ao tabagista inscrito no programa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tabagismo; Abandono do uso do tabaco; Comportamento Ritualístico; Corpo.

### 1 INTRODUÇÃO

O tabagismo é considerado um problema de saúde de grande magnitude, em função de sua estreita correlação com diversos agravos, interferindo diretamente nos índices de morbi-mortalidade. Sua prevalência tem diminuído nos países industrializados, porém, nos países em desenvolvimento, o consumo de cigarros tem aumentado e contribuído para o aumento destes índices<sup>(1,2,3)</sup>. No Brasil, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA)<sup>(4)</sup>, a prevalência do tabagismo vem diminuindo nos últimos dez anos, contudo, há ainda um percentual de 20% de fumantes, com variações segundo o sexo, idade e região do país.

O valor atribuído ao cigarro tem se modificado ao longo dos tempos. Passou do "glamour" das telas de cinema, das informações subliminares de poder, sedução e riqueza atribuídos pelo apelo da propaganda, para, nos dias de hoje, ser considerado um veículo causador de doenças<sup>(3)</sup>. O ato de fumar se tornou marginal, ou seja, colocado à margem da sociedade, fazendo com que o fumante se sinta cada vez mais discriminado.

A procura dessa clientela pelos serviços de saúde, cresceu ultimamente, com o intuito de buscar ajuda na sua difícil "jornada" para interromper o consumo de cigarros. Por isso, necessita-se de melhor capacitação dos profissionais de saúde, o que vai além do desenvolvimento de habilidades para um cuidado de qualidade, mas passa pela compreensão do momento vivido pelo corpo fumante e os conflitos existentes neste pedido de ajuda.

Neste trabalho, apresenta-se um relato de experiência a partir da prática de cuidado ao corpo tabagista que procura ajuda para parar de fumar mediante as consultas de enfermagem, segundo o modelo proposto pelo Instituto Nacional do Câncer INCA<sup>(1,3)</sup>. Buscou-se, igualmente, na reflexão dos autores e na literatura, ancorados também pelo olhar da filosofia e da antropologia.

O objetivo do texto é compartilhar reflexões que contribuíram para a compreensão do tema e a conseqüente mo-

\*Trabalho apresentado à disciplina MN 718 - Concepções do Pensamento Filosófico-Antropológico aplicadas à Enfermagem do Curso de Mestrado em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Universidade Federal do Paraná.

\*\*Enfermeiro. Mestrando em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto – GEMSA/UFPR. Atua no Programa Saúde da Família na Prefeitura Municipal de Curitiba e na Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil.

\*\*\*Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro fundador do Grupo Multiprofissional de Pesquisa do Idoso – GMPI/UFPR. Professora do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPR. Docente da Disciplina

\*\*\*\*Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto (GEMSA/UFPR). Professora do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPR. Orientadora.

\*\*\*\*\*Enfermeira. Doutora em Filosofia de Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fundadora do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto. Prof. convidada do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPR. Co-orientadora.

dificação da prática de acolhimento desta clientela a fim de concorrer para a melhoria da qualidade desta prática de cuidado.

## 2 DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Para melhor compreensão do tema em estudo, este foi didaticamente dividido em dois momentos: o primeiro é o percurso do corpo fumante; o segundo os ritos e simbolismos presentes no ato de fumar, uma vez que, fez-se necessário recorrer à literatura para melhor descrever o vivido no cuidado do corpo fumante.

### 2.1 O PERCURSO DO CORPO FUMANTE

Vários estudos apontam que o início do consumo de cigarros se dá na adolescência <sup>(4,5)</sup>. Esta é uma das fases do ciclo de vida em que o adolescente necessita romper com regras e/ou limites dos pais para poder atingir a maturidade. Registra-se uma saída esperada, não obrigatoriamente física, mas sentimental, na qual os valores domiciliares passam a ser questionados.

A partir das mudanças corporais, o adolescente começa a se desprender do mundo infantil que lhe dava conforto e satisfação de necessidades básicas, para enfrentar o mundo dos adultos e assumir novos papéis. Este processo é marcado por crises e mudanças, por vezes bruscas, como se confirma

*As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância <sup>(6-13)</sup>.*

Dessa forma, na busca pela identidade, o adolescente procura identificações que lhe dêem segurança e estima pessoal, as quais encontra nos grupos. Nesta fase, os valores do grupo passam a ser os mais importantes. Suas práticas e representações são marcantes para a formação dos novos hábitos que relembram fases de formação semelhante as que passou na primeira infância. É neste contexto que a maioria das pessoas faz a iniciação do consumo do cigarro. Se um adolescente quiser pertencer a um grupo no qual o valor atribuído ao cigarro for significativo, é bem provável que ele aprenda a consumi-lo. Mesmo que no início possa ter sensações desagradáveis como o gosto, o cheiro, tosse ou desconforto, aprenderá a tolerá-los pois a necessidade de aceitação é maior.

O cigarro, para certos grupos de adolescentes, é tido como instrumento de sedução, de poder, de reconhecimento "do mundo adulto", ou também, como instrumento de

protesto e contravenção, sentimentos muito presentes durante esta fase. O fumar, portanto, pode ser um instrumento de inclusão para o fumante, que precisa se integrar, ligar-se, ser aceito a um novo grupo, e que por imaturidade, também "morre de medo" de ser rejeitado ou excluído.

Na prática da consulta de enfermagem ao tabagista, inscrito em um Programa de apoio para parar de fumar, na cidade de Curitiba, observamos o relato de fumantes, reportando-se a primeira experimentação do cigarro como uma experiência negativa ou frustrante, no entanto, perseveraram e acabaram desenvolvendo, com o uso continuado, as diferentes dependências causadas pelo consumo do tabaco <sup>(1,3)</sup>. É interessante notar que embora a nicotina contida no cigarro seja um estimulante, ela não causa as mesmas sensações de outras drogas ilícitas ou mesmo do álcool, ou seja, como se diz no jargão dos jovens, "não dá barato". Então, por que os adolescentes persistem no hábito mesmo tendo fracassado nas primeiras experimentações?

Muitos dos tabagistas atendidos, na faixa acima de 40 anos de idade, contam que começaram a fumar escondido, geralmente em grupo e acompanhado de primos ou irmãos. Procuravam imitar o gestual utilizado por pais, avós e demais adultos fumantes que eram emocionalmente significativos para eles. Este dado leva ao seguinte questionamento: se a imitação do familiar não se constituía num desejo de igualar-se a ele, o que era, então, mais significativo e excitante do que o efeito estimulante da própria nicotina?

Ainda no vivido da prática da consulta de enfermagem à clientela em foco, observa-se na fala dos tabagistas, a rejeição deste hábito por parte dos familiares, pelos mais diversos motivos. Pode-se inferir que a reprovação resulte das preocupações com os malefícios decorrentes do ato de fumar? Ou por considerarem este hábito inadequado para os jovens? Outra possibilidade que justifique esta condenação, talvez decorra da preocupação dos filhos virem a sofrer os desconfortáveis efeitos da abstinência.

Encontramos também tabagistas que relataram histórias de quando foram descobertos fumando pelos pais e as conseqüentes represálias sofridas. Mais tarde, quando os pais percebiam que o consumo era inevitável, passaram a reconhecer o hábito tabágico de seus filhos, e indiretamente, reconheciam o ingresso deste jovem no mundo adulto. Portanto, o ato de fumar também indicava uma passagem do mundo infantil para o mundo adulto <sup>(7)</sup>.

Alguns relatos de iniciação obtidos demonstram que o ato de fumar também pode resultar de momentos de lazer ricos de afeto, como o observado na região sul do Brasil, área de plantio de fumo, quando a iniciação ao hábito de fumar estava relacionada a uma forte ligação de afetividade. Ao final de um dia de trabalho, os adultos sentavam-se em conjunto, discutiam sobre as atividades do dia, comparti-

lhavam experiências enquanto preparavam o cigarro de palha. Esta prática era passada de pai para filho ou de avô para neto. O ritual da confecção do “palheiro”, cigarro construído a partir de fumo picado embrulhado em papel fino ou folha de milho, era pacientemente ensinado de uma geração à outra, como um rito masculino.

A iniciação ao fumo pode se dar por fatores dos mais diversos. Registramos fumantes que adquiriram o hábito para conviver melhor com os parceiros, outros para se defenderem de insetos que são repelidos pelo odor da fumaça. Assim, registram-se várias liturgias ao qual o corpo foi submetido e que contribuíram para que se tornasse dependente da nicotina bem como para criar uma série de significados para o ato de fumar. Toda a simbologia envolvida, a qual era mantida por meio de inúmeras repetições do gesto, às vezes, perdurava durante anos.

Os ritos são vivenciados no social e com o outro, o que remete a Merleau Ponty<sup>(8)</sup> ao reiterar a relação corpo-mundo. Gicovate<sup>(9)</sup> faz referência ao ser humano como um ser sociável, um ser que necessita da relação e da ligação com os outros, mas quando tem dificuldade de estabelecer essas relações, tende a se ligar a objetos. O cigarro acaba preenchendo esta lacuna de dificuldade de ligação humana e se apresenta como um dos objetos de apego. Esta relação progride ao longo do tempo, seja pela estimulação neurológica causada pela nicotina, seja pela repetição de gestos ou pelo aumento do sentimento de desamparo<sup>(9)</sup>. Dessa forma, parece que o corpo fumante permanece ligado ao cigarro durante anos, na maioria das vezes, como uma extensão do seu próprio corpo, o que dificulta a supressão do cigarro em sua vida.

Todas estas considerações sobre o consumo de cigarros são apenas alguns exemplos da complexa rede de determinantes do hábito de fumar<sup>(10)</sup>. Fica evidente que cada fumante teve um modo particular de se ligar ao cigarro e que durante sua trajetória de consumo, tornou-se dependente dele, desenvolvendo três tipos de dependência: a física, a comportamental e a psicológica. A primeira delas é decorrente dos efeitos da nicotina sobre o organismo; a segunda fruto da repetição “das maneiras de fumar”, que promoveram neuro-associações do tipo estímulo-resposta responsáveis pelo “fumar automático” e a terceira, fruto da utilização do cigarro como um suporte no enfrentamento das dificuldades vividas<sup>(1,3)</sup>.

A dependência do cigarro é complexa, assim como o seu processo de abandono. A dependência física à nicotina tem sido mais fortemente estudada, devido ao estabelecimento de drogas que tentam minimizá-la ou diminuir o efeito da síndrome de abstinência que se instala quando o fumante se priva do consumo de cigarros<sup>(1,3)</sup>. A seguir, apresentar-se-á a base antropológica, cujos fundamentos contribuíram para a análise das demais dependências descritas

pela literatura, ou seja, a psicológica e a comportamental.

## 2.2 RITOS E SIMBOLISMOS PRESENTES NO ATO DE FUMAR

A busca por contribuições antropológicas que fundamentassem as reflexões sobre o uso de cigarros encontra alicerce em estudos acerca dos rituais e das linguagens simbólicas presentes no ato de fumar.

O desenvolvimento do ser humano vai muito além do simples desenvolvimento biológico e cronológico; envolve também um desenvolvimento social e cultural, os denominados ciclos de vida<sup>(11)</sup>. Carter e McGoldrick<sup>(12)</sup> estudaram as mudanças nos ciclos de vida na perspectiva familiar, enfocando os diferentes momentos nos quais as famílias passam ao longo da vida. Em sua obra, os autores mostram quais são estes ciclos, que via de regra trazem consigo a inclusão ou exclusão de elementos do sistema familiar, provocando crises e exigindo adaptações.

Outro aspecto importante a ser enfatizado é apresentado por Azevedo<sup>(11:21)</sup> ao afirmar que “há idades orgânicas e idades sociais (...) em nenhuma sociedade a vida flui sem marcações, sem que se registre qualquer tipo de passagem (...) há uma passagem, e essa passagem é marcada por gestos, roupas, ações, palavras e atitudes mentais que permitem salientar ou negar essa modificação de ritmo”. Estas marcações são denominadas ritos de passagem e estes contribuem para a incorporação de novos papéis, com a conseqüente ruptura com hábitos e comportamentos anteriores.

Um jovem índio, por exemplo, uma vez tendo realizado o rito de iniciação adulto, após cumprir provas de dor ou coragem, não desenvolverá mais brincadeiras infantis, porque a partir daquele momento ele passou a ser considerado, e ele mesmo se considera um adulto. Como conseqüência vem a desempenhar alguns novos papéis dentro da comunidade indígena<sup>(13)</sup>.

Os estudiosos dos ritos chamam a atenção para as conotações religiosas ou místicas que, geralmente, estão presentes em suas simbologias, nos gestos, nas celebrações, etc. Durante essas cerimônias o mundo profano e biológico combina-se com o sagrado, o espiritual, o cósmico, para dar significado transcendente ao ato que se celebra. O homem tem uma necessidade vital de sacralizar os momentos decisivos do ciclo da vida<sup>(11)</sup>. Gicovate<sup>(9:37)</sup>, como psicanalista, define os rituais como “comportamentos padronizados que esperam respostas padronizadas e que provocam uma certa sensação de apaziguamento, de estar cercado de coisas conhecidas e que respondem adequadamente às nossas ações”. Para ele, “todo o ritual tem por objetivo reduzir algum tipo de ansiedade, de risco ou alguma sensação de medo. São comportamentos padronizados e que se cristali-

zam, porque acreditamos na sua eficácia" (9:37).

Gennep (7) reforça a idéia de que o homem, desde o nascimento até a morte, é obrigado a submeter-se a cerimônias que se apresentam sob diversas formas, mas que são semelhantes pelo seu mecanismo. Estas cerimônias são seguidas de ações repetidas por diversas gerações e nenhum destes atos é absolutamente independente do sagrado.

Neste sentido, é possível observar que os ritos e os rituais são carregados de simbologias. Para Chiara (14), antropóloga que estudou o ato de fumar correlacionando-o a diversos símbolos, há alguns desafios para quem deseja atuar sobre esse complexo hábito de fumar:

Parece que é nas trevas do inconsciente que reside o segredo da paixão pelo ato de fumar. Não se trata aqui do inconsciente apenas do indivíduo, o que seria da alçada da psicologia ou da psicanálise, mas de um inconsciente coletivo, situado no compartimento obscuro dos símbolos que movem as montanhas do emocional. Como abri-lo? Como rasgá-lo? Esse é um desafio que transcende os limites da medicina apoiada nas observações fisiológicas, e neurológicas dos efeitos das drogas. Como identificar esses símbolos, como localizá-los ou compreender como se organizam? (13:3).

A regularidade que o fumante apresenta ao fumar, ou seja, o momento em que busca o cigarro, em que segue o impulso de ascendê-lo, que é descrito pela literatura como dependência comportamental (1,3), é na verdade, segundo sua hipótese, um ritual com um padrão simbólico subjacente ao comportamento do fumante, que tem caráter coletivo, cuja fonte é cultural (14). Assim, o ato de fumar é complexo, mesmo porque os símbolos são fenômenos complexos.

Refletindo a respeito do número de repetições que se realiza no dia-a-dia, surpreende-se pela quantidade e grau de detalhamento até para a realização das tarefas mais simples. Observando-se, minuciosamente, um fumante consumindo seu cigarro, notar-se-á uma série de passos repetitivos relacionados ao ato de "fumar". Tal ato funciona como um verdadeiro rito, e cada fumante o desenvolve de forma particular.

As repetições do ato de fumar conduzem reflexões das mais diversas, no sentido de entender como este processo ocorre e como é possível contribuir para a cessação deste hábito, quando este é o desejo do fumante.

O prazer e a inconsciência que anima a obsessão do fumante indica a força possante de motivos simbólicos. Suas raízes devem ser imensas e profundas, frisando aquelas que sustentam com o mesmo vigor os rituais religiosos, lembrando também os atos heróicos e altruístas de guerreiros (14:5).

O homem sempre teve fascínio sobre o fogo e sobre a fumaça. Fazer o fogo é um ato simbólico que separa o homem dos outros animais (13), representa poder e foi marcante no processo de evolução da humanidade. Este

domínio, que se iniciou no mundo primitivo, trouxe muitas transformações. Já foi a principal fonte de defesa, está presente em diversos rituais e, até hoje, tem muitos significados para o ser humano. O fogo também é simbolismo de vida, de iluminação, de transformação do alimento, de purificação, assim "o fumante tem o poder e a força de fazer com que o 'tubinho' queime" (13). Ao observar a forma de acender o cigarro, percebe-se que muitos fumantes têm formas diferenciadas e especiais de fazê-lo. Alguns portam isqueiros "especiais" com os quais também acabam desenvolvendo forte ligação; outros realizam manobras próprias de empunhar a caixa de fósforos e acender o seu cigarro. A maneira como se oferece o fogo a outro fumante também é bem característica, e é até um instrumento de conquista, como acender o cigarro de alguém desejado.

Os estudos antropológicos também descrevem muitos significados para a fumaça (7,11,14). Ela representa o poder mágico da ligação com o transcendental, com o divino, que se materializa através da fumaça. A fumaça também aparece ligada à prática da cura, como é o caso dos curandeiros de algumas tribos indígenas que a sopram sobre as lesões (13).

Neste sentido, a fumaça proveniente da queima do cigarro também está relacionada a todo este simbolismo. Desse modo, muitos fumantes acabam desenvolvendo também uma ligação com a fumaça, estabelecendo verdadeiros rituais de inalação e expiração. Chiara (13) faz alusão ao acender o cigarro (poder do fogo) e dar a primeira tragada, geralmente, prolongada; o que empodera o fumante uma vez que este pode "ter o poder" de inalar a fumaça e devolvê-la de diversas maneiras ritualisticamente.

A visão do sopro por ser revestido pela fumaça poderia inspirar um sentimento de exaltação, uma identificação com o divino, o que pode até ser notado pela expressão de êxtase que o fumante adota nesses momentos (14:8).

Esta imagem foi muito explorada no passado pela mídia, relacionando este momento a belas paisagens naturais, momentos de glória e de divertimento, como agente de sedução, de controle, de poder, de introspecção, de inspiração, mas nunca fez alusão ao cheiro que provoca.

Ainda no campo da simbologia, Chiara (14) levanta a hipótese de que o cigarro representa o próprio corpo do fumante. Associa o símbolo do fogo como força da purificação pela destruição, por exemplo, quando se destrói a vela nos rituais católicos como forma de purificação de quem a oferece. A autora instiga o seguinte pensamento: Será que o fogo que destrói o cigarro não estaria representando a queima de um corpo no ritual profano de ato de fumar? (14).

Novamente, estamos lidando com a complexidade do símbo-

lo. Se admitido, por hipótese, que o cigarro representa o corpo do próprio fumante, porque se compraz em queimar-se? Para se destruir por ser um pecador – uma punição, um ato agressivo semelhante ao suicídio pois – que ao mesmo tempo, purifica? Para enviar ao Criador, através da fumaça, a mensagem de sacrifício de seu corpo? Ou tudo ao mesmo tempo? <sup>(14:6)</sup>.

A autora também faz referência ao simbolismo dos odores, correlacionando-os aos mitos da criação. Segundo a doutora, em suas pesquisas antropológicas sobre os ritos da criação do Universo, descritos no livro *Gênesis*, Deus gostava de alguns odores e de outros não, o que também é observado na atualidade no referente ao cheiro da fumaça do cigarro por exemplo, que agrada a alguns fumantes, enquanto a outros desagrada. Mas todos são unânimes em dizer que não gostam do cheiro de restos do cigarro que ficam no cinzeiro.

“Este cheiro está intimamente relacionado ao cheiro de morte e deste ninguém gosta. [...] o cigarro é um corpo (queimado). É um sacrifício do próprio corpo, a própria destruição de maneira lenta. Fumar é queimar o seu corpo e exalar a fumaça da purificação” <sup>(13:5)</sup>.

Ainda na linha do pensamento simbólico, outra observação interessante, é a forma como o fumante apaga seu cigarro. Para Chiara, “a maneira como o fumante apaga o seu cigarro é o simbolismo da maneira como ele se mata” <sup>(13:6)</sup>. Alguns pisam brutalmente sobre o resto do cigarro aceso, alguns o jogam longe, outros fumam até o último resíduo, alguns o amassam no cinzeiro, outros simplesmente deixam-no queimar sozinho, alguns o mergulham no resto do cafezinho. Ninguém quer ficar com seus restos <sup>(13)</sup>.

Outro rito que tem íntima ligação com o cigarro é o do silêncio. O silêncio é o elemento indispensável e primordial aos ritos sagrados de todas as religiões do mundo, é o ambiente de todas as iniciações para alcançar atenção, reflexão.

No Antigo Testamento, Salmo 38, relata-se que o silêncio traduzia respeito, submissão, súplica, adoração, união com Deus. Na vida mística, o silêncio conduz à escuta, à meditação, constituindo em si mesmo um gesto ascético e uma condição para que a divindade se comunique com o homem <sup>(11: 71)</sup>.

Ao fumar sozinho, o fumante em silêncio aumenta sua ligação com o cigarro e com o sagrado. É quase universal o relato de fumantes dizendo que o cigarro os acalma, embora a nicotina seja um discreto estimulante. Em contrapartida, ao observar o que ocorre com a respiração do fumante no momento em que está fumando, nota-se uma ampliação do movimento respiratório, ou seja, primeiramente começa com uma inspiração profunda (tragada), seguida de uma leve pausa (retenção da fumaça) e depois há

uma expiração prolongada (devolução da fumaça). Sob a lente da biologia, essa conjunção de fatores, revela que, automaticamente, há diminuição da ansiedade, uma vez que a modificação do padrão respiratório causa profundas modificações no organismo. Sendo assim, o que de fato acalma? A bradipnéia (diminuição dos movimentos respiratórios), o ritual de fumar, com toda a simbologia já descrita ou a pausa que o fumante faz no seu cotidiano no momento em que veio o desejo de fumar? Ou todas elas?

Seja sob o olhar fenomenológico, antropológico, da psicologia comportamental, (dos condicionamentos adquiridos ao longo do tempo), ou da psicanálise, o uso continuado ao longo dos anos vai aumentando a ligação do homem com este objeto. O psicanalista Gikovate <sup>(9)</sup> reforça a idéia que a ligação com o cigarro se dá basicamente pela necessidade de ligação natural do ser humano, principalmente quando se defronta com a sensação de desamparo, nos momentos de solidão e/ou no sentido metafísico:

Temos mais é que nos ajudar, nós todos que estamos perdidos no cosmos, dentro dessa nau sem rumo conhecida que é a terra [...] drogas e rituais que nos façam sentir, por qualquer razão, mais aconchegados, são bem vindos de imediato, especialmente nos períodos mais dramáticos de nossas vidas. O desamparo, enfrentado de verdade, nos remete para as questões místicas e religiosas. Nos faz pensar em coisas cujas respostas desconhecemos: de onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida? <sup>(9:57)</sup>

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores atribuídos ao cigarro têm se modificado à medida que os estudos sobre os malefícios do seu consumo se multiplicam. Cada vez mais o ato de fumar, que outrora tinha valorosos significados sociais, passa a ser considerado pela mesma sociedade como um ato inconveniente e de risco para a saúde individual e coletiva. Medidas restritivas ao ato de fumar têm levado aos atuais corpos fumantes sentimentos de exclusão e censura comportamental. Para o senso comum adulto, permanecer fumando, hoje, é sinal de fraqueza, falta de vontade ou descuido consigo mesmo. Todos estes fatores têm levado os tabagistas a reflexões nas quais estão em jogo: forças internas antagônicas entre o desejo e a razão. Citando a experiência pessoal de Gikovate

[...] a verdade é que, depois de nos compenetrarmos nos malefícios do cigarro, nossa relação com ele nunca mais será a mesma. Passaremos a ser ambivalentes em relação ao ato de fumar e em relação ao cigarro: continuamos a amá-lo, mas já se estabeleceu um processo pelo qual também passamos a odiá-lo. É nosso amigo e companheiro, mas é também nosso inimigo que, a qualquer momento, poderá nos apunhalar pelas costas <sup>(9:97)</sup>.

A maioria dos corpos fumantes adultos está passando pela fase descrita e nós enfermeiros, constantemente os atendemos, sem nos darmos conta dessa relação de conflito. Cabe-nos aprofundar o conhecimento sobre o tabagismo, principalmente nesta fase ambivalente, pela qual o corpo fumante passa: fumar ou não fumar, parar ou continuar fumando?

Procuramos neste relato de experiência, de consultas de enfermagem aos corpos fumantes que se inscrevem no programa buscando apoio para parar de fumar, trazer diferentes narrativas, visões e analogias que se aplicam ao ato de fumar. Diante disso, podemos afirmar que não há certo ou errado, verdade ou mentira. Há motivos, repetições, ritos, desejos, certezas, dúvidas e incertezas no ato de fumar. Como enfermeiros, podemos acolher os seres humanos que desejem refletir sobre o seu hábito e ajudá-los no processo de se tornar um ex-fumante, se assim o desejarem.

Já existe tecnologia para auxílio na cessação do hábito tabágico<sup>(1,3,15)</sup> e a ação do enfermeiro frente a ela já está descrita<sup>(3,16)</sup>, faz-se necessário, porém, uma ampliação da visão de mundo sobre aspectos que vão além do biológico, bem como um incremento de pesquisas que facilitem a compreensão do processo de parada de fumar, ou melhor, do processo de decisão de parar de fumar e os significados desta fase ambivalente<sup>(17)</sup> a fim de que as tentativas de cessação do tabagismo possam ser mais efetivas e profissionalmente acompanhadas.

**ABSTRACT:** This study is characterized by an experienced account whose goal was to contribute to improve the quality of the care delivery offered to the smoking body asking for help to stop smoking. The smoking act is a ritual marked by symbolism, not always detected by the less experienced observer. The philosophical and anthropological view made it possible to perceive the factors responsible for smoking initiation, desires, frustrations, certainties and uncertainties that are associated with smoking. This comprehension of what is experienced by the smoking body influenced the reassessment of the nursing consultation to the smoker enrolled in the program.

**KEY WORDS:** Smoking; Give up tobacco use; Ritualistic behavior; Body.

**RESUMEN:** Este estudio se caracteriza como un relato de experimentos que tuvo como objetivo contribuir con la mejoría de la calidad de la atención dispensada al cuerpo fumante cuando este busca ayuda para deshacerse del hábito de fumar. El acto de fumar es uno rito marcado por un simbolismo ni siempre detectado por el observador menos atento. De un punto de vista filosófico y antropológico, es posible la percepción de los factores responsables por la

iniciación al hábito de fumar, los deseos, las frustraciones, certidumbres y incertidumbres asociadas al tabaquismo. Esa comprensión de lo vivido por el cuerpo fumador influyó en la redirección de la consulta de enfermería a los fumadores inscritos en el programa.

**PALABRAS CLAVE:** Tabaquismo; Cese del uso de tabaco; Conduta cerimonial; Cuerpo.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Instituto Nacional do Câncer. Abordagem e tratamento do fumante – Consenso 2001. Rio de Janeiro; 2001.
2. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação Nacional de Controle do Tabagismo e Prevenção Primária de Câncer. Falando sobre tabagismo. 3.ed. Rio de Janeiro; 1998.
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação Nacional de Controle do Tabagismo e Prevenção Primária de Câncer. Ajudando seu paciente a deixar de fumar. Rio de Janeiro; 1997.
4. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e morbidade referida de doenças e agravos não transmissíveis: Brasil, 15 capitais e Distrito Federal 2002/2003. Rio de Janeiro; 2004.
5. Bonetto D. Tabagismo em pediatria. In: Achutti A. Guia nacional de prevenção e tratamento do tabagismo. Rio de Janeiro: Vitro; 2001.
6. Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas; 1981.
7. Genep V. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes; 1972.
8. Merlau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Freitas Bastos; 1971.
9. Gikovate F. Cigarro um adeus possível: uma proposta prática e cheia de calor humano. São Paulo: MG; 1990.
10. Haire-Joshu D, Morgan G, Fisher Jr E. Determinantes do uso de cigarros. In: Samet J, Coultas D. Clínicas de doenças pulmonares. Rio de Janeiro: Interlivros; 1991. v.4.
11. Azevedo T. Ciclo de vida – rito e rituais. São Paulo: Ática; 1987.
12. Carter B, McGoldrick M. et al. As mudanças no ciclo familiar – uma estrutura para a terapia familiar. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
13. Chiara V. Reflexões antropológicas sobre o ato de fumar. Anotações da palestra proferida em 03 de julho. Curitiba; 2004.
14. Chiara V. Fumar, fumar, fumar: reflexões etnográficas. Curitiba; 2004. Artigo mimeo.
15. Fiore M, organizador. Treatment tobacco use and dependence – clinical practice guideline. Washington: Department of Health and Human Service: Public Health Service; 2000.

16. Rice D, Stead L. Nursing interventions for smoking cessation. In: The Cochrane Database Of Systematic Reviews; 2004.
17. Jungerman F, Laranjeira R. Entrevista motivacional: bases teóricas e práticas. J Bras Psiquiatr 1999; 48(5):197-207.

ENDEREÇO DOS AUTORES:  
Rua Amadeu Assad Yassim, 65  
Curitiba-PR  
82520-800  
eduardofunchal@pop.com.br